

A “DECLARAÇÃO IMPORTANTE” DE TRUMP SOBRE A RÚSSIA É UMA MANOBRA DESAJEITADA

Por Andrew Korybko*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

A “declaração importante” de Trump sobre a Rússia revela uma estratégia desajeitada para a Ucrânia: envio de mísseis, vendas de armas e sanções a parceiros comerciais russos se não houver paz; o tiro pode sair pela culatra.

A “[declaração importante](#)” sobre a Rússia, anteriormente alardeada por Trump, revelou-se uma tentativa desajeitada de conciliar a [escalada radical do envolvimento](#) dos EUA no [conflito ucraniano](#) com o [abandono do conflito](#). Sua nova abordagem tripla inclui: 1) o envio rápido de [até 17 sistemas de mísseis Patriot](#) para a Ucrânia; 2) mais vendas de armas para países da OTAN, que [por sua vez](#) as transferirão para a Ucrânia; e 3) [sanções secundárias de até 100%](#) contra os parceiros comerciais da Rússia caso um acordo de paz não seja alcançado em 50 dias.

Na ordem em que foram mencionadas, cada medida correspondente visa: 1) reforçar as defesas aéreas da Ucrânia para desacelerar o ritmo dos contínuos avanços da Rússia em terra; 2) ajudar a Ucrânia a reconquistar parte de suas terras perdidas; e 3) coagir a China e a Índia a pressionar a Rússia a um cessar-fogo. Os dois primeiros objetivos são autoexplicativos, sendo o segundo irrealista, dado o fracasso da muito mais fortemente armada [contraofensiva da Ucrânia](#) no verão de 2023, enquanto o terceiro requer alguma elaboração.

As importações em larga escala de petróleo russo com desconto pela China e pela Índia têm servido como válvulas de escape cruciais contra a pressão das sanções ocidentais, ajudando a estabilizar o rublo e, conseqüentemente, a economia russa em geral. Embora essas importações também ajudem suas próprias economias, Trump aposta que elas, no mínimo, as reduzirão para evitar suas ameaças de sanções secundárias de 100%. Ele pode abrir uma exceção para os europeus e turcos, que também compram recursos russos, sob o pretexto de armar a Ucrânia.

Ao se concentrar nos dois maiores importadores de energia da Rússia, Trump está tentando reduzir significativamente a receita orçamentária que o Kremlin recebe dessas vendas, ao mesmo tempo em que semeia ainda mais divisões dentro do núcleo RIC dos BRICS e da OCS, esperando, como ele mesmo, que pelo menos a China ou a Índia cumpram parcialmente, no mínimo. Antes do prazo final, ele prevê que seus líderes — amigos próximos de Putin há anos — tentarão pressioná-lo a alcançar o cessar-fogo desejado pelo Ocidente, embora não se saiba se terão sucesso.

De qualquer forma, Trump está prestes a se colocar em um dilema criado inteiramente por ele se um deles não cumprir sua exigência de interromper o comércio com a Rússia, ou se um ou ambos o fizerem apenas parcialmente. Ele teria que adiar a imposição de suas sanções secundárias de 100% sobre todas as importações, reduzir o nível ou reduzir a escala para aplicá-las apenas às empresas que ainda comercializam com a Rússia; caso contrário, poderia haver sérias conseqüências, especialmente se a China não cumprir integralmente.

Seu acordo comercial preliminar com a China, que ele descreveu no início de maio como uma “[reinicialização total](#)” nos laços entre os dois países, poderia fracassar e, assim, aumentar os preços para os americanos. No que diz respeito à Índia, as negociações comerciais em curso também podem fracassar, o que poderia criar uma abertura para o avanço da nascente [reaproximação sino-indo-americana](#), cuja existência foi [cautelosamente confirmada](#) por seu principal diplomata na segunda-feira. Cada caso de reação negativa, sem mencionar os dois ao mesmo tempo, pode ser muito prejudicial aos interesses americanos.

A tentativa de Trump de encontrar a solução, portanto, não é apenas desajeitada, mas também pode sair pela culatra, levantando a questão de por que ele concordou em fazê-lo. Parece que ele foi induzido ao erro, acreditando que Putin concordaria com um cessar-fogo que não resolvesse as causas profundas do conflito relacionadas à segurança em troca de uma [parceria estratégica](#) centrada em [recursos](#). Quando Putin recusou, Trump levou para o lado pessoal e [imaginou que Putin o estava manipulando](#), o que levou seus assessores a manipularem-no para essa escalada como vingança.

**Andrew Korybko é analista político americano radicado em Moscou, com doutorado pelo MGIMO, e especialista na transição sistêmica global para a multipolaridade. Ele acompanha de perto a relação entre a grande estratégia dos EUA na Afro-Eurásia, a Iniciativa Cinturão e Rota da China, os atos de equilíbrio geoestratégico complementares da Rússia e da Índia e a Guerra Híbrida. A guerra por procuração da OTAN contra a Rússia via Ucrânia e suas conseqüências globais têm sido seu foco, mas ele também cobre assuntos africanos e do sul da Ásia. De tempos em tempos, também analisa assuntos internos dos EUA, da Europa e da América Latina.*
